



A concordância da porcentagem

Quando o sujeito é representado por expressão porcentual

1 Quando há partitivo (grifado nos exemplos), o verbo concorda de preferência com ele (partitivo é a expressão que modifica o sujeito numeral):
“34% do público veio.”
 Aceitável também a forma:
“34% do público vieram [concordância com o número].”
“14% das pessoas vieram.”

2 Sem partitivo, o verbo concorda com o número:

34% roubam. 1% rouba.
90% são safados.
1% é honesto.

3 Partitivo antes, o verbo concorda com o número:
“Do Congresso, 10% trabalham.”
“Dos congressistas, 1% merecem aplauso.”

4 O verbo antes da porcentagem concorda com o número:

“É elogiável 1% dos congressistas.”
“Merecem críticas 90% dos congressistas.”

5 Se a porcentagem for qualificada ou determinada, o verbo concorda com o número e com a qualificação ou determinação (aqueles, o restante):
“Aqueles 97% do Congresso trabalham.”
“O restante 1% dos congressistas não trabalha.” (J.M.)

no português brasileiro está havendo um processo de enfraquecimento morfológico, a concordância deixa de se expressar em alguns casos.

– Nesse processo, as regras prescritas nas gramáticas, já bastante confusas ou contraditórias entre si, tornam-se mais abstratas se comparadas às de uso, pois o falante passou a reinterpretá-las e a combiná-las com o quadro atual da morfologia – afirma Flávia.

A professora Maria Cristina Figueiredo, da Universidade Federal do Paraná, explica essa redução morfológica utilizando o verbo “cantar” como exemplo. Na gramática tradicional há seis combinações possíveis de pessoa e número: 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e do plural. Só de olhar a desinência verbal, já é possível identificar o sujeito, mesmo que seja oculto. Ou seja,

basta escrever “canto” para indicar que o sujeito é “eu” ou “cantas” para dizer que o sujeito é “tu”.

INTELIGÊNCIA

Já uma gramática que substitui “tu” por “você” e “vós” por “vocês” também é uma gramática de português brasileiro culto – usado pela grande imprensa, por exemplo – que mantém os seis pronomes, mas com a morfologia verbal reduzida, pois no cotidiano não são usadas mais as 6 desinências e, sim, 4: não há mais “cantas”, só “canta”; não há “cantais”, mas apenas “cantam”. Com isso, perdemos o hábito de fazer a concordância em todos os casos.

– E isso é português brasileiro culto. Ninguém fala mal de quem usa “você” ou “vocês”, porque ambos são



tidos como padrão. Um telejornal que usasse “tu” e “vós” não teria audiência no Brasil, porque poucas regiões usam esses pronomes. Outro português brasileiro que é culto, mas informal, usa o pronome “a gente”, e com isso não usa mais a forma “cantamos” e de seis desinências passamos, na prática, a ter três – explica Maria Cristina, que é pós-doutora em linguística pela Universidade Nova de Lisboa.

Maria Cristina destaca que riqueza morfológica não tem relação com a inteligência dos falantes:

– Temos variantes no português brasileiro em que a marca de plural fica só no determinante, como em “os cara”, ou no possessivo “meus filho”, e aqui isso é visto como coisa de “gente burra”. No entanto, é uma gramática parecidíssima com a do inglês, que só tem marca de plural sobre o nome, como em “the yellow books” e ninguém diz que a gramática deles é “burra”.

COGNIÇÃO

Flávia Fernandes, da **Unicamp**, explica que a concordância atua de diferentes formas nas diversas línguas e, apesar de ser um fenômeno comum, não é obrigatório.

– O português é uma língua configuracional, ou seja, a posição dos termos informa sua função, fazendo com que a reiteração de morfologia seja dispensável. Já o inglês é uma língua que dispõe de poucos artifícios para o uso da concordância. Em “*The boys are bad*”, *bad* fica no singular. Já o chinês, por exemplo, é uma língua que não dispõe de morfologia própria para codificar a concordância.

A pesquisadora aponta que um exemplo de largo uso da concordância ocorre no latim. Nesse caso, os determinantes (adjetivos, numerais, artigos etc.) modificam a morfologia (gênero e número) do substantivo.

– É bom lembrar que falamos aqui da norma-padrão. Esse é um dos motivos pelos quais, no latim, a ordem dos termos não era tão importante quanto ela é para

Casos especiais

FRAÇÕES

Com numerais fracionários, a concordância do verbo se faz com o numerador (o primeiro número da fração)

“Um centésimo dos deputados trabalha bem.”

“Dois quinquagésimos do Congresso trabalham bem.”

MILHÃO E MILHAR

São substantivos do gênero masculino.

Levam artigos, adjetivos e pronomes referentes a eles para o masculino.

“Vendeu alguns milhares de cabeças de gado.”

“Os milhões de pessoas que votaram neles se desiludiram.”

Mas: “Dois milhões e quinhentas mil pessoas voaram.”

Isso porque os numerais flexionáveis em número (um, uma; dois, duas; duzentos, duzentas; quinhentos, quinhentas, etc.) concordam com o substantivo a que se referem.

Com “milhão”, verbo concorda de preferência com o partitivo (modificador) plural:

“Um milhão de pessoas votaram nele.”

Se o verbo estiver antes, concorda com o numeral, singular ou plural:

“Foi derrubado 1,9 milhão de árvores da reserva.”

“Foram lesados 2 milhões de pessoas pelo falso empreendedor.” (J.M.)

PONTO E VÍRGULA

o português brasileiro, em que há uma relação equilibrada entre classes de palavras variáveis e invariáveis – avalia ela.

Para Flávia, as regras não estão diretamente relacionadas ao funcionamento real da concordância variável no português brasileiro. Fatores estruturais e funcionais influenciam a escolha de uma forma em detrimento da outra desde a formação do idioma.

– A neutralização das pessoas do singular e do plural, a posição do sujeito em relação ao verbo e a saliência fônica [*de som*] na relação singular/plural da forma verbal são exemplos que levam o usuário a marcar a concordância apenas nas posições iniciais da sentença, como em “Os cachorro bravo” e “As menina inteligente faz lição de casa”.

Já no caso do uso de plural no verbo “haver” em frases como “Haviam dez alunos na sala de aula”, esse desvio ocorre ironicamente devido à regra geral da concordância, segundo a qual uma marcação plural leva a outra marcação plural.

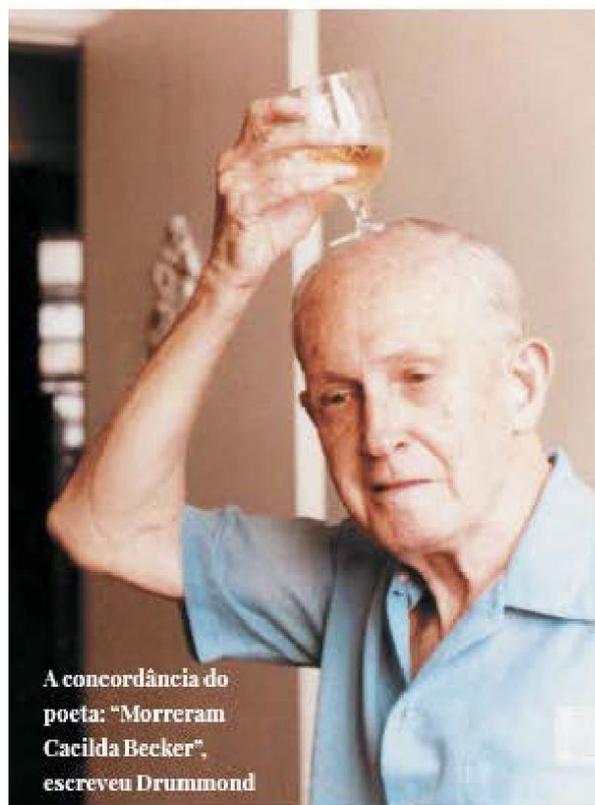
– Por isso é importante deixar claro que a concordância, seja verbal, seja nominal, foge aos padrões impostos pela prescrição tradicional das gramáticas porque, assim como qualquer outro fenômeno linguístico, é subjacente, primeiramente, ao nosso aparato cognitivo – explica Flávia.

MONITORAMENTO

Outro mito relacionado à concordância é o de que ela ocorre muito mais na fala do que na escrita. Segundo Flávia, é verdade que o usuário da língua tem menos tempo para monitorar sua produção linguística ao falar e está mais preocupado com a troca de conteúdo do que com a possibilidade de autocorreção. Ou seja, o falante é conduzido pelas “regras de uso”. Porém, essas regras estão presentes em situações de escrita, como bate-papos na internet e bilhetes, contextos nos quais o monitoramento também é menor.

– Na escrita o autocontrole parece maior a depender do gênero e do tipo de texto e até mesmo do contexto em que estamos inseridos. Em alguns tipos de textos, como comentários de assuntos mais informais nas redes sociais, por exemplo, os quais são praticados com rapidez e, por muitas vezes, com maior envolvimento do usuário, percebemos que há maior indício de ausência de concordância, tanto quanto na fala.

Monte aponta que existe uma grande confusão em



A concordância do poeta: “Morreram Cacilda Becker”, escreveu Drummond

Reprodução

achar que a língua falada é informal e a língua escrita é formal. Na verdade, não há tal oposição. Ele defende que as diferenças entre fala e escrita se dão em um *continuum* de estratégias discursivas e linguísticas, ou seja, tanto fala como escrita variam dependendo dos contextos de uso, de produção do discurso. O importante é apresentar tudo isso em sala de aula.

– Posso usar a língua falada em uma conversação espontânea informal com um amigo no barzinho, mas posso falar com você nessa entrevista, assim como posso ser convidado para uma conferência. São exemplos de língua falada em que há diferenças. Na escrita, posso escrever uma carta pessoal a um amigo, assim como escrever um texto acadêmico. Se eu pensar uma fala espontânea totalmente informal e uma escrita mais monitorada e formal, aí, sim, vou encontrar mais ausência de concordância na fala.

ENSINO

Monte, que também é professor da escola municipal de ensino básico Arthur Natalino Deriggi, em São Carlos, afirma que a escola precisa ensinar a concordância da norma culta padrão, mas de maneira reflexiva, sem se esquecer de mostrar a variedade popular e a existência de preconceito linguístico, já que o assunto desperta tensão social e a concordância não está imune à estigmatização.

– Do ponto de vista linguístico, semântico, não há diferença entre “eles vai” e “eles vão”, mas a gente sabe que há um preconceito, e claro que é função da escola ensinar os alunos a variedade culta da língua, mas